

Título

A Casa do Lado

Edição

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, LDA.
Rua Camilo Pessanha, 152, 4435-638 Baguim do Monte
tel./fax 224807820; tlm: 960131916 geral@tecto-de-nuvens.pt
www.tecto-de-nuvens.pt

Coordenação literária de

Teresa Cunha
teresacunha@tecto-de-nuvens.pt

Autora

Melissa de Aveiro

Ilustração das páginas inicial e final

Melissa de Aveiro

Capa

Concepção e ilustrações de Melissa de Aveiro; tratamento final de Hugo Baganha [Fundo: blue-heart-swirl-design; e Christmas_Winter_House_Background disponíveis em regime de copyleft em: <https://gallery.yopriceville.com/>]

Paginação

Tecto de Nuvens

Revisão

Carla Maduro

Apresentação

Teresa Cunha

Concepção Gráfica

Tecto de Nuvens

© Melissa de Aveiro

Direitos reservados segundo a legislação em vigor

ISBN: 978-989-35404-3-5

Depósito Legal: 524531/23

Texto baseado no Novo Acordo Ortográfico

O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade da autora.

A gerência da Tecto de Nuvens

Todos somos invisíveis, até que alguém nos veja...

Para a Soraia, Joana, Débora, Jorgina e Sofia, com carinho e por todas as memórias.

Em 2017, Melissa de Aveiro apresentou aos seus leitores Marta, uma jovem estudante recém chegada a uma nova terra e a uma nova escola.

Facilmente os leitores se deixaram envolver na vida desta adolescente, nos seus conflitos com os pais, na sua luta por se integrar na nova escola e pela chegada do primeiro amor. Um difícil amor que a vai obrigar a crescer e amadurecer rápido.

No ano em que continuamos a acompanhar a história de Marta, agora já na Universidade, em “Um Novo Ano” pareceu-nos oportuno voltar a trazer a público a primeira vez que conhecemos Marta. Será uma oportunidade de a rever para uns, para outros poderá ser um primeiro contacto com o livro.

Não pretendemos nesta nova edição do livro desvirtuar nem a história original da Marta, nem a evolução da Melissa enquanto autora. Seria fácil, todos estes anos volvidos, reescrever este livro para ir de encontro à Melissa de Aveiro de 2023, mas não foi a Melissa de Aveiro de 2023 quem escreveu esta história, mas muito do que a Melissa actual é presentemente como autora e ilustradora deve-se a ter escrito “A Casa do Lado” quando o fez e como o fez.

Claro que os autores estão eternamente insatisfeitos, e se lhes fizessemos a vontade os livros nunca chegavam à gráfica... Sendo assim, sem alterar a história, fizeram-se pequenas correcções de escrita em algum momento menos claro para o leitor; ajustaram-se alguns detalhes para haver uniformidade com expressões e termos utilizados no livro “Um Novo Ano” e pronto...

E se se sentiu atraído por esta nova capa, também o deve à Melissa de Aveiro que sempre teve o talento para a pintura e para o desenho, mas que só agora se deixou tentar pela ilustração de livros. Ainda bem para todos nós!...

Assim, seja uma primeira leitura ou um revisitado do livro, vai encontrar a jovem Marta como sempre foi, acabadinha de chegar

Melissa de Aveiro

a uma nova terra, a iniciar aulas numa nova escola e com o coração prestes a receber o primeiro amor e também as primeiras grandes dificuldades da vida.

E tal como foi antes, também agora “A Casa do Lado” constitui uma envolvente leitura da primeira à última página.

Boa leitura!

Teresa Cunha, editora

A chuva batia forte na grande janela do autocarro, fazendo desenhos que se dispersavam rapidamente à medida que avançavam na estrada.

Marta bufou, encostando a testa ao vidro, embaciando-o. O dia de escola até não tinha sido mau, comparado com o anterior em que Micaela (como veio a descobrir que se chamava) a tinha feito tropeçar no refeitório e entornar a sopa verde e malcheirosa por cima da camisola! Claro que ela tinha dito “ups, foi sem querer!” mas depois rira-se como uma hiena, declarando, evidentemente, que tinha sido de propósito! Marta não estava muito habituada a esse tratamento “especial” pois, na outra escola, sempre fora popular e bem recebida por todos. Mas, agora, a situação era diferente! Tinham-se mudado recentemente por “questões familiares”, como lhe dizia o pai...

– «Como se eu não soubesse quais são essas questões!» – Pensou, quando essa foi a justificação dada para mudarem de casa, de bairro, de escola... de amigos!

Revirou os olhos. Olhou para o banco vazio a seu lado enquanto todos os outros lugares estavam ocupados por estudantes, agora seus colegas, que riam e cochichavam. Iria ser difícil fazer novas amizades por ali, dado que também chegara, à grande escola, a meio do primeiro período. Bem poderia agradecer mais logo aos seus pais, ou dizer-lhes tudo o que gostaria de dizer... Mas isso nunca acontecia, nem provavelmente iria acontecer. Não havia oportunidade e também não havia vontade para o fazer, dadas todas as situações... Não queria complicar ainda mais portanto, iria manter o seu sorriso falso, fingir que estava muito animada e feliz e aguentar... Aguentar... Aguentar!

O autocarro parou, chiando estridentemente. A porta abriu-se. Marta suspirou, aborrecida, enquanto se levantava, arrastando a sua mochila roxa, quase vazia, atrás de si. Mal saiu da viatura, as gotas de chuva molharam-lhe o rosto. Tinha-se esquecido do guarda-chuva em casa mas não se importou em saber que se ia molhar. Virou costas, sentindo que alguns colegas estavam a fazer-lhe caretas e a gozar com ela pelo vidro. Provavelmente deveriam pertencer ao grupo da Micaela. Encolheu os ombros, colocou o capucho da camisola sobre a cabeça e começou a andar até ao arruamento da sua nova casa. A

chuva era fria mas não a incomodava! Na verdade, até gostava daqueles dias tristes e molhados, faziam-na sentir-se acompanhada na sua tristeza. Era sinal que o mundo também chorava e não apenas ela... Era sinal que o mundo chorava com ela.

O telhado da sua atual casa já era visível. Deu uma corrida até à entrada, sacudindo a chuva da camisola e entrando. A nova moradia era moderna, com grandes janelas retangulares e tetos altos. O seu quarto ficava no segundo andar, havendo uma escadaria em caracol para lá chegar. Marta subiu-a apressadamente a fim de não ser vista pela empregada Margarida nem pelo pai que, sendo contabilista, normalmente, trabalhava em casa. O seu quarto novo era azul-bebé, algo que até não a desagradara, estava decorado com cortinas roxas e mobílias brancas, uma combinação que contrastava com as almofadas amarelas sobre a alcatifa cor de laranja, disposta perto da janela.

Atirou a mochila para um canto e deitou-se, mirando o teto, distraída. Na sua antiga casa tinha umas estrelas brilhantes coladas, as quais costumava olhar antes de adormecer, mas aqui o quarto estava um pouco despido e quase vazio pois ainda não houvera oportunidade de arrumar as tralhas dos caixotes, nas prateleiras, nem de pendurar alguns quadros.

Deveriam ser perto das cinco horas e estava silêncio, situação que costumava ser rara, dadas todas as circunstâncias...

– Marta, estás aí em cima? – Gritou o pai, chamando-a.

– Sim, pai...

– Anda lanchar! – Pediu-lhe.

Marta suspirou, antes mesmo de se levantar e se arrastar escadaria abaixo.

– Chamaste por mim? – Perguntou. Puxou um banco e sentou-se ao balcão.

– Sim! Chegaste e nem disseste nada... A Margarida fez panquecas para ti, antes de ir para casa. – Informou, colocando-lhe o prato à frente.

– Não estou com muita fome... Amanhã quando ela voltar agradeço-lhe. – Disse. Empurrou o prato com o cotovelo.

– Muito bem... Como foi o teu dia? – Perguntou o pai, enquanto colocava os óculos na cara e se preparava para ler o jornal.

Marta olhou para o pai admirada, estaria ele a perguntar-lhe coisas?! Coisas sobre ela? Ou estaria ela a alucinar... Pensou antes de falar:

A Casa do Lado

– Foi normal... Tipo, foi melhor que o de ontem... Ontem nem sabes o que me aconteceu, eu fui almoçar e...

– *Hum hum*, então ainda bem! – Interrompeu o pai desinteressado, lendo o jornal e pegando numa maçã. – Vou até à sala, se precisares de alguma coisa avisa! A mãe hoje deve chegar depois do jantar. – Referiu, afastando-se.

– Melhor! Assim não terão tempo para discutir... – Murmurou Marta cuidadosamente, calando-se. – «Estava em modo automático, logo vi...» – Refletiu, um pouco desiludida.

Levantou-se, pegou também numa maçã e subiu as escadas até “às masmorras”. Sentou-se no meio do chão. Retirou, da mochila, o seu caderno de esboços, folheando-o com a mão livre. Deu uma grande dentada na fruta, mastigando-a pensativamente. Apetecia-lhe desenhar algo, mas o quê? Olhou em redor do quarto, procurando algo que captasse a sua atenção, mas a maioria das coisas estavam ainda guardadas nos caixotes encostados à parede, e não havia vontade de as arrumar.

Marta adorava pintar e desenhar e sabia que tinha jeito para isso, embora os pais não dessem muita importância, aliás, eles nem sabiam, mesmo porque nunca tinham visto nada seu. Tinha ideias de ingressar em belas artes mas, dado que o pai era contabilista e a mãe advogada, sabia que essa ideia não os iria agradar minimamente, com certeza! No entanto, tendo dezassete anos, ainda não era altura para escolher profissão alguma, até porque ainda faltavam alguns meses... Até lá poderia entreter-se com os pincéis e os lápis, nas horas vagas.

Aproximou-se da janela retangular, abrindo-a e deixando entrar a aragem de fim de tarde. Encostou-se ao varandim e observou a vista. Não haviam muitas casas ali ao redor! Mesmo, fora essa a razão de se mudarem para aquela residência...

«Por isso mesmo e por outras razões...» – Pensou. Encolheu os ombros. Afinal, agora já ali estavam e até poderia ser que as coisas corressem melhor. Mesmo que ficticiamente, gostava de acreditar que sim!

Aproveitou o silêncio, por muitos, subestimado. Olhou então para as árvores verdes, para os passarinhos que agora bebiam água nas pequenas poças de chuva formadas no relvado... E depois para a casa! Aquela casa que ficava a alguns metros depois da sua vedação. A casa era alta, destoando das outras casas modernas do bairro. Tinha

telhados pontiagudos e as janelas pareciam estar forradas a papel negro! Era estranha e isso tornava-a cativante a ser desenhada. Focou-se no papel, deslizando habilmente o lápis de carvão sobre o mesmo. Desenhar era tão fácil, fazia-o como quem respira! Mas o desenho não estava a ficar como desejava... Talvez porque a luz natural, proveniente do céu ainda cinzento, era escassa e porque já estava, realmente, a anoitecer. Inspirou fundo, largando o lápis. Dirigiu-se aos caixotes.

– «Onde estará a porcaria da lanterna...» – Refletiu. Coçou a testa, pensativamente. – «Talvez neste!» – Verbalizou, triunfante, abrindo o caixote retangular. – Bingo!

Já com a luminária na mão, dirigiu-se novamente à janela, acendendo-a e focando o desenho. De repente a lanterna apagou-se, provavelmente devido às pilhas estarem fracas! Voltou a ligá-la, mas esta desligou-se novamente! Já derrotada, atirou-a para um canto. Uma luz, na casa em frente, chamou-a à atenção. Alguém fazia sinais de luzes, também com uma lanterna. Marta espantou-se! Pegou novamente no holofote e ligou-o, desligando-o. A luz do outro lado fez o mesmo sinal. Marta sorriu... Havia alguém ali! Mas quem? Que mistério... Ao menos já não se sentia tão sozinha.

O despertador tocou perto das sete horas da manhã, ecoando pelo quarto azul. Marta acordou, bocejando. Estava ensonada de ter estado acordada até tarde, fazendo sinais de luz. Lembrando-se disso, levantou-se num impulso. Aproximou-se da janela, que tinha deixado com as cortinas afastadas, e olhou para a casa do lado. Estava calma e aparentava não ter vivalma!

– Marta, olha as horas! – Lembrou-lhe a mãe, no andar de baixo.

A voz da mãe fê-la afastar-se da janela e começar a despir o pijama.

– Já estou a ir... – Referiu. Deu uma última espreitadela pela janela antes de escolher a roupa.

Quando desceu as escadas, a mãe já se encontrava com o casaco vestido e a pasta ao ombro.

A mãe de Marta, Clara, mostrava-se uma mulher alta, bonita e elegante, com cabelo acobreado cortado a direito, pelos ombros. Sendo advogada, normalmente tinha sempre uma postura muito reta e ideias claras do certo e do errado. Era muito dedicada ao trabalho, fazendo deste a sua primeira prioridade, era o que se chama uma “mãe ausente”.

– Então Marta, adormeceste?

– Olá, mãe! Não, ainda é cedo... Tu é que costumavas chegar ao trabalho cinquenta vezes antes da hora... – Disse-lhe.

A mãe revirou os olhos, anuindo.

– Ok, ok... Vê se te apressas, tens a tua lancheira em cima do balcão. – Informou. Esboçou um pequeno sorriso. – Que vestido é esse? – Notou, franzindo ligeiramente o nariz.

– Um que me compraste há dois anos, não te lembras? – Troçou. – Quando éramos “normais” e felizes. – Murmurou para que a mãe não a ouvisse, enquanto pegava num iogurte e numa das panquecas que haviam sobrado do dia anterior e começava a comer.

Já no carro, a mãe disse-lhe:

– Como correu o dia de escola, ontem? Cheguei tarde e nem consegui ver-te...

– Ah foi? Eu nem reparei! – Mentiu Marta, com ligeiro sarcasmo. – O dia foi “normal”, dentro da sua normalidade... – Informou, não querendo estender-se pois sabia que se a mãe soubesse

do sucedido, provavelmente processaria a escola por falta de funcionários que pudessem “controlar” melhor os alunos e ela não queria isso... Queria a atenção dela sim, mas não dessa forma... Queria a atenção dela, mas da forma que ela não sabia dar.

– Olha, estamos mesmo a chegar! Já fizeste alguns amigos?

Marta lembrou-se logo da gargalhada de hiena de Micaela.

– Sim, são muito... Hum... Amistosos, acolhedores! – Mentiu.

– Está tudo controlado... – Informou, saindo do carro. – Então, até logo!? – Questionou, com algumas dúvidas.

– Sim, vou tentar! – Disse a mãe, com as mãos no volante, fazendo um sorriso.

– Tentar já é bom... – Anuiu Marta. Fechou a porta, deslocando-se. – «Bem, mais um dia em *Alcatraz*¹... Vamos lá enfrentá-lo!» – Pensou. Subiu o passeio em direção à entrada da escola.

O átrio já se encontrava inundado de estudantes. Marta percebeu que o ambiente não se diferenciava muito do da escola anterior: haviam pequenos grupos dispersos aqui e ali, colegas sozinhos (como ela agora), provavelmente excluídos, e... E a Micaela. Micaela deveria ser a rapariga mais popular da escola, pelo que conseguiu perceber. Tinha cabelo loiro, comprido, era alta, de olhos azuis e tez clara... Uma Barbie! Pensou, revirando os olhos enquanto se aproximava do cacifo – «Mas com riso de hiena!» – Refletiu, sorrindo.

– Estás a rir do quê, baixinha?

Marta virou o rosto, por cima da porta do cacifo, para ver quem lhe falava.

– «Olha, a hiena fala!» – Pensou. – Precisas de alguma coisa? – Perguntou, antes de fechar o cadeado.

– Eu não! Tu é que podes precisar, visto seres nova aqui! – Verbalizou Micaela, fazendo o grupo das amigas que estavam um pouco afastadas, começarem a rir.

– Hum... De momento estou bem, obrigada! – Informou. Esboçou um falso sorriso.

– Ok, ok! Mas se precisares de alguns conselhos... De moda... – Disse, em tom de troça, após olhar para o vestido de Marta e fazendo as colegas rirem ainda mais alto.

¹ Prisão de segurança máxima.

A Casa do Lado

– Já disse que estou bem! – Disse, em voz firme.

– Olha, se tu falas...

Alguém interrompeu a conversa.

– Passa-se alguma coisa... Hum... Micaela? – Questionou a professora Rita, olhando para as duas alunas.

– Não, só estava a dar as boas vindas à nova colega – Mentiu.

– É mesmo? – Perguntou Rita. Olhou agora para Marta.

– Sim... Foi isso.

– Muito bem... Preciso falar contigo, Marta. – Pediu.

Micaela afastou-se a fim de se juntar ao seu grupo. Olhou para trás. Fez um gesto com os dedos e apontou para os olhos como a dizer “estou de olho em ti”. Marta encolheu os ombros, seguindo a professora até à sala.

A sala era grande, arejada, com grandes janelas. O chão estava salpicado de tinta de variadas cores onde se sobrepunham cavaletes com quadros inacabados. Cheirava a uma mistura de madeira com diluente, algo que a fez franzir o nariz.

A professora sentou-se na secretária situada ao fundo da sala, cruzando as pernas.

– Espero que te tenhas inscrito nas minhas aulas extracurriculares de pintura! – Disse, pousando as mãos sobre a perna. – Recebi um telefonema do teu professor Marco a informar-me das tuas habilidades! – Referiu enquanto ajustava os óculos, com o dedo indicador, na cana do nariz.

– Ah, o professor Marco... – Sorriu Marta, lembrando-se.

– E então?

– Ah, sim! – Referiu, um pouco surpresa. – Ainda não me inscrevi... Mas quero sim! – Confessou. Olhou em redor da sala.

– Acho bem, pois gostava muito de te receber na minha aula! – Disse Rita, piscando-lhe o olho, antes de se levantar da cadeira e se dirigir até à porta. – Tens de ir à secretaria tratar disso! – Informou. – Se precisares de alguma coisa, o que for... Podes contar comigo. Por vezes ser o aluno novo é complicado. – Disse. – Mas penso que darás conta do recado. – Fez um sorriso confiante e cativante, saindo, por fim.

Marta ficou sozinha na grande sala. Inspirou fundo, inalando o cheiro forte a cetonas e tintas. Aproximou-se de uma das telas,

disposta sob um cavalete inundado de pincéis já duros e secos, tocando-lhes com a ponta dos dedos.

– «Hum, hum...» – Ouviu-se um som por trás de si.

Virou o rosto, em direção à porta aberta, observando quem ali se encontrava. Uma rapariga baixinha e magra, de cabelos cor de cenoura presos em duas tranças e sardas no nariz, olhava para ela com ar curioso!

– Gostas dessa pintura? – Perguntou, aproximando-se.

– Eu não estava a ver, estava só a...

– Ah, não te incomodes! – Retorquiu, interrompendo-a. – Chamo-me Nancy... “Ok, o nome daquelas bonecas de plástico, estúpidas” podes dizer! – Referiu, suspirando como se estivesse habituada com o que acabara de assumir.

Marta avaliou a colega, acabando por sorrir. Nancy era engraçada, um ano mais nova que Marta, tinha um ar simples e divertido. Esticou-lhe a mão, a fim de a cumprimentar.

– Sou a Marta, “a miúda nova da escola”! – Acabou por verbalizar, elevando as sobrancelhas.

– Hum, cheira-me a Micaela! – Comentou Nancy. – Não me digas que já começou a implicar contigo... Logo vi, porque anda mais calma comigo. És o “brinquedo” novo! – Disse, triunfante e rindo, algo que a fez sorrir. – Então, diz-me, vais juntar-te à nossa aula de pintura? A professora Rita é tãaaooooo fixeeee e as aulas são tãaaaoooo divertidas! – Referiu, entusiasmada.

– Estou a pensar nisso... – Informou. Pegou num dos pincéis com as cerdas rijas.

– Eu sou mais fã das tintas de óleo! Se bem que levam uma eternidade a secar! Já as acrílicas (...).

Nancy falava continuamente, algo que fez Marta relaxar um pouco pois, por vezes, não sabia dar início e continuidade a uma conversa com estranhos. Tinha alguma dificuldade em fazer novas amizades e as que tivera na outra escola eram amizades de longa data, que sempre manteve. Mas agora as coisas tinham mudado, estava longe das amigas... Teria então de escolher novos amigos! – «E porque não começar com Nancy?» – Pensou.

– Concordo contigo, as tintas a óleo são mais cativantes de trabalhar, devido ao seu efeito 3D. – Referiu – Bem, eu vou ter de ir à

A Casa do Lado

secretaria... Vens? – Pediu, esperançosa pois sabia que no corredor provavelmente iria encontrar Micaela.

– Oh, não posso! Vou ter aula de geometria! – Referiu. – Pena não sermos do mesmo ano e turma! – Suspirou antes de coçar o nariz sardento.

– Oh, mesmo... – Concordou Marta. – Então... Vemo-nos por aí?! – Perguntou, desejosa.

– Combinado.

A Casa do Lado

Micaela estava sentada num dos bancos rotativos, ao lado das bolas pesadas e coloridas. Mordia afincadamente a unha pintada do dedo indicador, enquanto o seu “exército” de amigas trocava de calçado. Marta observou-a. Ela era realmente bonita. Perguntava-se porque seria tão má? Seria porque o seu ego era grande demais para caber dentro daquele corpo esguio, que tinha de explodir? Ou a beleza fazia isso às pessoas? Não... Não tinha sentido! Alguma coisa deveria passar-se. Marta não acreditava que as pessoas pudessem ser más por natureza! No máximo poderiam ter algum defeito de fabrico ou alguma ventosa pudesse ter-lhes danificado o cérebro aquando do parto... Mas pessoas más teriam de ter uma justificação para o serem!

– Hum, vou escolher a minha bola! – Informou Marta, pousando o casaco e os sapatos num dos bancos perto da pista onde se encontravam.

Micaela só se apercebeu da presença de Marta quando esta, realmente, começou a pegar nas bolas a seu lado.

– Bem, se não é a miúda da cidade! – Referiu, atirando o longo cabelo para trás das costas – Precisas de ajuda a escolher as bolas? – Riu, sarcasticamente.

– Não, eu sei bem escolher as minhas... Bolas... Não te preocupes! – Referiu Marta, indiferente.

– Oh, mas que fantástico! E o que dizes a um jogo? Tu e a Nancy contra a Lina e eu. – Disse, apontando para uma das suas amigas de cabelo encaracolado.

Marta nem olhou para Nancy em busca de auxílio. Em vez disso, abanou afirmativamente a cabeça. – Está apostado! – Declarou com toda a segurança, depositando a esperança em cima da amiga, que as observava a alguma distância.

Nancy já estava com os sapatos calçados quando Marta se aproximou.

– O que estavas a fazer?

Marta encolheu os ombros.

– Não sei, mas fomos desafiadas! Temos de ganhar isto... Não sei como, desculpa... Não tive hipótese! – Informou, pousando a bola amarela no suporte.

– Oh Deus! Não posso acreditar! – Verbalizou Nancy, mas já a rir-se. – Tu és mesmo idiota não és? – Disse, abanando a cabeça.

– Idiota?

– Sabes que vamos ganhar isto! – Informou Nancy, dando um ligeiro guincho acompanhado de um pulinho.

– Achas? Mas eu nem sei jogar!

– Mas eu sei! Campeã infantil na categoria dos seis aos dez anos.

Marta conteve-se para não desatar a rir! Nancy era mesmo uma rapariga peculiar e espantosamente estranha!

– Ok, campeã! Então ‘bora lá arrasar com isto! – Informou a medo, mas decidida. – Lembra-te só que eu nunca joguei... Abaixo de zero na categoria dos zero aos dezassete anos! – Brincou.

– Não é problema! – Informou, ajeitando os totós no cimo da cabeça. – Três, dois, um! – Referiu, acenando para Micaela em tom de início.

O parque de estacionamento do *bowling* estava quase vazio quando Marta e Nancy saíram do estabelecimento.

– Viste a cara delas? AHAH, nem acredito! – Referiu Nancy alegremente, começando a dançar no meio da rua. – Foi fenomenal!

– Eu sei! Mas estivemos quase a perder! Por minha culpa... – Relembrou Marta.

– Oh, isso são pormenores! – Salientou. – Nunca esquecerei este dia!

Marta parou um pouco, vendo um carro estacionado ali em frente. Micaela parecia estar debruçada sobre o mesmo, gesticulando e dizendo palavrões para as pessoas que estavam dentro do veículo.

– O que se passa ali?

– Ah, não ligues... É a Micaela a brigar com o pai dela... Desde que ele saiu de casa e que começou a andar com a miss top model... – Referiu, apontando para a pessoa no lugar do passageiro – Volta e meia ela faz filmes.

Marta sentiu o estômago às voltas... Uma sensação parecida que já sentira antes, revelando um sabor amargo na boca.

– «Bingo... Aí está o problema...».

– Estás bem? – Notou Nancy.

– Nada não, lembrei-me de algo... – Referiu, sem querer explorar mais aquele assunto. – Onde é que o teu irmão tem a carrinha? Estou a ficar gelada! – Referiu.

– Está bem ali! – Informou. Indicou a *Picup Nissan*, de cor verde escura.

Começaram a deslocar-se até lá, entretanto Micaela já entrara para o carro do seu pai e já se começava a afastar, observando-as pelo vidro sem dizer nada.

– Se calhar agora, por uns tempos, já não nos incomoda...

– Achas mesmo?

– Não sei! Mas soube tão bem! – Referiu Nancy, começando novamente a dançar enquanto abria a porta do carro.

– Está um céu estrelado! Raramente tive oportunidade de olhar para o céu e o ver assim tão... Puro. – Desabafou Marta. Ajeitou-se no banco traseiro do carro. – daquelas coisas que, se alguém tivesse

O dia amanhecera soalheiro. Marta foi acordada por um raio de Sol que trespassava as cortinas deixadas, como se estava a tornar hábito, entreabertas na noite anterior. Era sábado e, segundo as novas regras em casa, era o dia de passar em família.

Sem se apressar muito, calçou as pantufas e desceu as escadas lentamente, demorando a passada de degrau em degrau. No andar de baixo as coisas pareciam movimentadas! Os pais estavam sentados ao balcão, bebericando café e conversando. Marta observou-os sem estes repararem na sua presença. Pareciam diferentes... Descontraídos e “anormalmente” diferentes do seu estado usual!

– Bom dia! – Proferiu o pai na sua direção, assim que a viu pelo canto do olho.

Marta aproximou-se com os olhos um pouco arregalados. Sentou-se ao lado da mãe, que lhe esfregou a cabeça.

– Ontem foi divertido? Já estás uma profissional de *bowling*? – Brincou o pai, pousando a chávena. – Nem te ouvimos chegar! Voltaste muito tarde?

Marta fechou os olhos por segundos, saboreando aquele aglomerado de perguntas. Dado que agora tinham adotado o papel de “pais preocupados” decidiu responder calmamente:

– Sim pai, cheguei até bastante cedo, devia ser perto da meia-noite e meia... e não te preocupes, o irmão da Nancy veio trazer-me a casa, como combinado...

O pai coçou a testa, comprimindo os lábios, dando sinal que estava tudo bem.

– Eu e o teu pai temos uma novidade para te contar! – Interrompeu a mãe, sorrindo.

Marta sentiu o coração palpitar e até uma pequena tontura. Será que ia ter um irmão? Depois de tudo o que se passara não seria um pouco descabido? Que novidade seria aquela? Já tinha sido um ano de grandes novidades...

– Vamos ter um cão! O que achas?

Marta engoliu em seco, sentindo o estômago descontrair, um pouco aliviada...

– Oh, mas isso é tão fixe! É mesmo verdade? – Perguntou entusiasmada.

– Sim! – Disse o pai, colocando-lhe a mão sobre o ombro. – Estivemos a pensar e dado que a nossa vida já está um pouco... Hum.... – Fez uma ligeira pausa, procurando a palavra certa – estabilizada! Achamos que seria uma boa altura! Portanto, queres preparar-te, para irmos ao canil? – Perguntou.

O canil ficava longe do lugar onde moravam. Marta aproveitou para colar a testa ao vidro do carro e observar a paisagem, que se afastava enquanto se movimentavam. Era um pouco diferente da cidade, mais verde, mais amplo, mais denso. O sol refletia entre os eucaliptos, num efeito inebriante... Decidiu abrir a janela. A aragem fria entrou, fazendo os seus cabelos ajeitarem-se em redor do pescoço. Marta inspirou profundamente, acomodando-se no seu lugar, sorrindo levemente sem sequer se aperceber.

– Então, e vamos trazer um cão ou uma cadela? – Questionou, agora empoleirada pelos cotovelos, entre os dois acentos da frente.

– Não sei, Marta! Podes escolher o que quiseres! – Informou o pai, olhando-a pelo retrovisor.

– Uuuuuhhh, posso trazer todos? – Brincou.

– Sim, se ficarem a dormir na tua cama... – Respondeu a mãe, dando uma gargalhada que parecia ser verdadeira.

– A sério?

– Claro que não!

– Bem, parece que estamos a chegar! – Interrompeu o pai.

O parque de estacionamento estava praticamente vazio. Marta subiu o vidro da janela do carro, antes de estacionarem. O lugar era um pouco frio e húmido, pelo que ajeitou o casaco em redor do pescoço.

– Está frio, aqui! – Queixou-se a mãe. – Penso que vou ficar no carro... – Informou.

– Ok, mãe, nós vamos entrar... E escolher um leão! – Brincou Marta. Seguiu atrás do pai, que já estava a abrir a porta da entrada.

O edifício era cinzento e estava um pouco degradado. Evidenciava-se alguma humidade nas paredes. Assim que entraram, Marta notou o cheiro a pelo húmido e a bafo de cão. Havia vários compartimentos, divididos por redes, e um estreito corredor que ia dar a uma porta azul, um pouco sinistra.

A Casa do Lado

– Pai, achas que é ali que... – Perguntou, enquanto se aproximavam de um balcão.

O pai não respondeu. Em vez disso, fez-lhe um gesto com os ombros, como que a dizer “não sei, talvez”.

Sentado ao balcão, um homem de estrutura robusta, barba e óculos redondos, encontrava-se a comer um donut coberto de açúcar branco e parecia ter uma chávena de chocolate quente pousada a seu lado. Assim que os viu, engoliu rapidamente o que tinha na boca, limpando os cantos brancos do açúcar, sem sucesso, com a ponta dos dedos indicador e polegar.

– Bom dia! – Interrompeu o pai. – Gostaríamos de adotar um cão..

O senhor levantou-se, tinha pouco mais de metro e meio de altura. Marta conseguiu ler o seu nome na camisa bege surrada “Luís Mota”. – «Parece mais Luís Idiota.» – Pensou, rindo e arregalando os olhos ao pai, que lhe fez um olhar de “porta-te bem”.

– Bom dia! – Cumprimentou-os, surpreso – Ok, então... Não temos muitos animais disponíveis... – Disse, meio embaraçado. – Antes de ontem foi o dia de... – Depois olhou para Marta e decidiu não terminar a frase. – Então, venham comigo! – Indicou, em tom animador.

Marta e o pai seguiram Luís, calmamente. Marta foi ficando mais para trás, observando pormenorizadamente o edifício. Realmente tinha muitas gaiolas vazias... E não era um lugar muito bonito de se visitar...

– Bem, Marta... Podemos escolher entre estes cinco... Nasceram há pouco tempo! O que achas? – Chamou o pai.

Marta não se aproximou. Estava focada num cão de cor acinzentada, que se encontrava numa jaula distante, amarrado com uma trela demasiado curta.

– O que tem este cão? – Perguntou, na direção de Luís, apontando com o dedo.

– Ah, esse é o Jack. Ele não é muito... Amigável! – Referiu, desinteressado. – Era um cão de lutas... Foi resgatado num armazém... Mas não ficará aqui por muito tempo... – Disse essas últimas palavras com banalidade, distraído-se com os cães pequenos que estava a mostrar a Carlos.

Marta ignorou o comentário, notando que Luís e o pai estavam distraídos. Abriu a gaiola calmamente e entrou. O cão nada fez.

Permaneceu muito quieto, olhando-a. Vagarosamente foi-se aproximando do animal. Parecia ser um pit bull. Tinha algumas cicatrizes no focinho. Marta esticou a mão e o animal abriu a boca, mas não para morder. Parecia estar cansado... assustado. Marta passou os dedos por entre as orelhas, dando-lhe uma festa.

– Marta! Estás doida!? O que estás a fazer aí dentro? – Sussurrou o pai, com medo que o animal se assustasse.

– Nada. Acho que já escolhi o animal que eu quero! – Referiu. – Vamos levar o Jack! – Informou, entusiasmada.

– Oh Marta! De certeza? Tens ali uns cães bebés! Porque não escolhes um? – Referiu um pouco indignado, colocando as mãos sobre a cintura.

– Não, pai! Esses cães têm maior probabilidade de serem adotados futuramente... Vamos levar o Jack! – Disse, deitando-lhe a língua de fora.

– Pronto... Mas ele parece ser... Mau! – Avaliou. – Não sei... – Continuou o pai, um pouco desconfortável.

– Não é nada! Vês? – Mostrou Marta, esfregando o focinho do cão na sua própria cara. – É um lindo-fofinho-querido, não és cãozinho? – Disse, com voz acriançada.

– Ok, então... Vamos levar o Jack... – Proferiu, derrotado.

– Yeah! Adoro-te pai! – Referiu Marta, correndo para o abraçar.

O pai esboçou um sorriso.

– Ok, mas então és tu que vais cuidar dele... – Hesitou. – Continuo a achar que... – Olhou para o cão, desapontado, antes de continuar. – Nada! Tudo bem, vai correr tudo bem...